

# Centrão muda o jogo

## E o Planalto já tem pauta para negociação

A.C. SCARTEZINI  
Da Editoria de Política

A nova e decisiva presença do Centrão na mesa de negociações da Constituinte anima o presidente Sarney a reivindicar a aprovação do mandato presidencial de cinco anos e abrir, em contrapartida, uma pauta com 10 a 12 pontos da nova Constituinte passíveis aos entendimentos entre os constituintes e o Planalto.

Nessa posição, Sarney assume uma lógica aritmética, a mesma que move o Centrão: do jeito em que as coisas foram postas pelo atual regimento da Constituinte, para incluir uma proposta qualquer no projeto constitucional, o voto de um constituinte vale seis vezes o voto de outros colegas, mas, se for para retirar, a relação se inverte e torna-se necessário colecionar seis votos para anular um.

Acontece que, na Comissão de Sistematização, uma proposta é incluída no projeto desde que receba o apoio de 47 entre os 93 constituintes que a compõem. Mas, se for para retirar a proposta do projeto, na votação final pelo plenário, é preciso somar 280 votos entre os 559 constituintes. Por isso, questiona Sarney se a relação é justa.

Surge, então, o justiciero Centrão com suas 319 assinaturas de adesão e a proposta para mudar o regimento de modo a restabelecer a prática parlamentar tradicional: quem deseja incluir um ponto no projeto, na votação final pelo

plenário, é que precisa colecionar a maioria absoluta de 280 votos; e não quem deseja excluir.

Na concepção do Planalto, as coisas foram invertidas na Constituinte por uma armação entre o seu presidente, deputado Ulysses Guimarães, e o líder do PMDB, senador Mário Covas. Tratou Covas de indicar um número confiável de peemedebistas que, na Comissão, pudesse compor

a maioria ao somar-se com esquerdistas de outros partidos.

Na definição e interpretação das normas de Regimento, Ulysses entrou com a sua parte, favorecendo a posição no plenário do projeto aprovado pela Sistematização, de modo que o ónus pela reunião de 280 votos ficasse com a ala que desejasse expurgar da nova Constituição as colaborações da Comissão.

Com o novo projeto de Regimento, a Constituinte entra em outra fase de definição de forças numéricas, enquanto o Centrão vai demonstrar-se na hora da verdade, o Planalto pode mesmo contar com pelo menos 319 votos. No teste do Regimento, cada força vai mostrar o seu valor real, a sua importância dentro do universo da Constituinte, e não apenas na Comissão.

## Objetivo é apressar nova Carta

O Centrão — grupo que congrega parlamentares de centro-direita e centro-esquerda na Assembléia Nacional Constituinte — é um movimento que trará muitos benefícios para a sociedade brasileira, pois ele é o espelho da vontade do povo e poderá reverter no Plenário da Constituinte a tendência ultra-esquerdista que a Constituição está esboçando. Esta é a opinião do deputado Délio Braz (PMDB-GO), um dos 319 parlamentares que participam do movimento.

“Os componentes da Comissão de Sistematização foram escolhidos a dedo, numa espécie de montagem para atingir objetivos determinados, mas com a atuação do Centrão, a maioria das aspirações do povo será concretizada na votação do Plenário”, assegurou ontem Délio Braz.

Outro aspecto — considerado um dos mais importantes pelo constituinte golano — é a data da promulgação da Constituição. Para Délio poderá surgir um grande acordo para que ela seja promulgada ainda este ano, pois “poderemos voltar à Câmara dos Deputados e discutir os outros problemas brasileiros que, em virtude dos trabalhos na Constituinte, não podem ser resolvidos, apesar de necessitarem de solução imediata”.

Segundo Délio Braz, se os trabalhos da Constituição forem concluídos ainda este ano, no início de 1988 começará a discussão da Reforma Tributária, que não pode mais ser retardada.

## Grupo equilibra até na idade

Quando um jovem de 26 anos define o grupo a que pertence como sendo “um centro aberto a todas as idéias”, a primeira impressão que se tem desta definição chega a ser atraente: se identifica com as propostas de laboratórios (centros, estúdios etc.) experimentais de cultura que tanto proliferaram no Brasil entre as décadas de 60 e começo de 80. Mas esta tentativa de dialogar, de dar o direito à modificação, à expressão da insatisfação dos oprimidos; este lugar em que ninguém está inicialmente obrigado a dizer sim ou não a toda questão em discussão, está longe de qualquer palco artístico.

Este “centro aberto a todas as idéias” é político, mas não cultural (artístico); é flexível e, ao mesmo tempo, moderado e conservador; reúne homens e mulheres entre 26

e 73 anos de idade que querem buscar o equilíbrio mas têm como uma de suas maiores preocupações provar que são maioria. Entrou em cena há cerca de um mês, democraticamente insatisfeito com as normas que regem o meio em que trabalham. Em poucos dias ganhou o apelido de centrão, uma espécie de círculo aberto que vai arregimentando tantos quantos queiram fazer parte de suas fileiras “sem conotação ideológica”, como fazem questão de ressaltar alguns de seus membros.

A moderação é a maior característica, do grupo, com idade média de 50 anos, reconhecida mesmo pelo mais jovem de seus membros, o deputado Sérgio Brito (PFL/BA), que aos 26 anos não concorda “com algumas idéias muito progressistas” que invadiram a Comissão de Sistematiza-

ção. Para ele, a idade nunca foi um impedimento à sua adesão ao grupo, “já que pertencem a um partido de linha moderada”, como argumentou. Ele acha que para se chegar a uma Constituição que satisfaça à população brasileira como um todo, as atitudes “muito progressistas” têm que ser contornadas.

Com um pouco mais de idade, 32 anos, outro balano petelista, deputado Luiz Eduardo, um dos nomes de frente do Centrão acha que idade não quer dizer nada e reconhece que todos os integrantes do grupo querem “ter o direito de poder modificar o Regimento Interno”. Ele está solidário com todos os constituintes que ficaram excluídos desta etapa de trabalho e crítica “as mudanças unilaterais do regimento, feitas a partir de acordos de lideranças”.